

Acessibilidade no cinema deve levar em conta a **percepção dos surdos**

Em 1895, os irmãos Lumière exibiam, pela primeira vez na história, o filme *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*. Da invenção do cinematógrafo à indústria cinematográfica já se passaram 121 anos, e de lá para cá, milhares de pessoas, no mundo todo, renderam-se à magia do cinema. A chamada sétima arte ganhou importância sociocultural. Deixou de ser apenas entretenimento para ser, também, significado.

Mas, “significar para quem” é o questionamento feito pela terapeuta ocupacional Juliana Valerio Melo em um estudo realizado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, sob a orientação da linguista Ivani Rodrigues Silva, docente do Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação (DDHR). Na pesquisa de mestrado intitulada *Percepções do público surdo sobre a acessibilidade no cinema*, Juliana demonstra como a pouca quantidade de películas adaptadas ao público surdo é mais uma barreira para as questões voltadas à acessibilidade.

“A indústria cinematográfica serve, predominantemente, a maioria ouvinte. A população surda está à margem, por não contar com legendas específicas, seja em filmes estrangeiros, seja em produções nacionais”, afirma Juliana.

Ao todo, seis adolescentes surdos participaram de entrevistas e assistiram os filmes *A Dona da História* (2004), *Medianeras* (2011) e *Cotidiano* (2012). A proposta foi avaliar a percepção desse público sobre a acessibilidade no cinema, especialmente no que se refere às legendas descritivas em português, legenda do tipo *closed caption* e legenda visual, com projeção do intérprete de Libras sobre o filme.

O estudo mostrou que a legenda descritiva em português atende mais adequadamente as questões de acessibilidade, uma vez que a legenda visual compete com as imagens do filme exibido, e a legenda *closed caption* – gerada eletronicamente a partir do texto dublado – apresenta muitos erros de escrita. “Durante a entrevista, três alunos consideraram que para melhorar o acesso aos conteúdos dos filmes, a legenda visual seria a melhor opção. No entanto, em um segundo momento, após assistirem aos três filmes, com legendas diferentes, a opinião variou, e todos os surdos elencaram a legenda descritiva em português como a solução para os problemas de acessibilidade”, afirma.

Juliana lembrou ainda que o português para os surdos é considerado uma segunda língua e que, por isso, inserir legendas em português nos filmes estrangeiros não garante a acessibilidade. “Mesmo o surdo com domínio do português escrito pode ter dificuldade para entender a narrativa do filme, pois muitos sons não são representados na escrita como, por exemplo: o som de suspense, de um tiro ou uma sirene. Sem uma legenda descritiva ele precisará que um ouvinte sinalize o que está acontecendo”, explica.

A condição ideal para que os surdos acessem o cinema, de acordo com Juliana, é a de que os surdos transitem com facilidade entre a



língua materna (Libras) e a segunda língua (português).

“O ensino do português parte das habilidades interativas e comunicativas já adquiridas pelas crianças surdas com sua língua natural. Assim, a escrita em português pelo surdo segue a estrutura visual da Libras, e apresenta estruturas sintáticas que não seguem as regras gramaticais convencionais do português. Para ser acessível, a sociedade precisa compreender e respeitar essa pluralidade linguística”, diz.

Ainda de acordo com Juliana, novos estudos com base na avaliação das pessoas surdas devem ser realizados com o objetivo de verificar a eficácia das legendas. “Devemos fortalecer a participação dos surdos no desenvolvimento de soluções tecnológicas que façam sentido para eles. O cinema é uma produção cultural que permite múltiplas interpretações e construção de significados, que estimula o pensamento, sensações e criatividade. Ele ocupa um papel social importante, mas, de nada serve sem o público”, argumenta.

filmes dirigidos por surdos desencadeariam uma reconfiguração das técnicas de filmagem, iluminação, enquadramento e de movimento de câmera.

Assim como os ouvintes puderam compreender a lógica do cinema a partir da imagem, do som e da mescla de linguagens, Juliana tem a expectativa de que, no futuro, os surdos também poderão apropriar-se da lógica textual do cinema, atribuindo à imagem em movimento muito daquilo que lhes parece peculiar.

“O incentivo ao acesso às novas tecnologias, a facilitação do processo de experimentação de narrativas, a articulação de ideias em ambiente de discussão e aprendizagem, a contextualização das ações cotidianas aos fatos históricos e a promoção de ações que favoreçam a construção do processo criativo dos surdos, irão refletir em contextos para além do cinema. Os surdos poderão ser espectadores e também criadores e produtores. Esse é um potencial intangível e que merece ser estimulado”, finaliza. 🏠

Dissertação: Percepções do público surdo sobre a acessibilidade no cinema

Autora: Juliana Valéria de Melo

Orientadora: Ivani Rodrigues Silva

Área: Pós-graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Texto: Camila Delmondes

Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da FCM, Unicamp